

Fotojornalismo de guerra: o processo de produção dos fotógrafos do “Clube do Banguê-Banguê”¹

Anna Carolina da Glória Gomes²

Kátia Hallak Lombardi³

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

RESUMO

O livro “O Clube do Banguê-Banguê: Instantâneos de uma guerra oculta” (2003), de Greg Marinovich e João Silva, é o foco desta pesquisa, que analisa o modo de produção de quatro fotógrafos na cobertura do Apartheid da África do Sul (1990-1994). A metodologia envolve uma abordagem teórica sobre fotojornalismo, seus limites éticos, políticos e técnicos, e a análise das ações dos fotógrafos e das imagens produzidas. A pesquisa contribui para a reflexão sobre o potencial do fotojornalismo em criar narrativas contra-hegemônicas. Os resultados revelam que, embora esses fotógrafos tenham desempenhado um papel crucial na denúncia social, surgem questões éticas sobre a espetacularização da violência.

PALAVRAS-CHAVE

Fotojornalismo; Clube do Banguê-Banguê; Apartheid; contra-hegemonia; sensacionalismo.

INTRODUÇÃO

A cobertura jornalística de guerra é de extrema relevância pública e crucial para a sociedade, já que possibilita a noticiabilidade de acontecimentos distantes, proporcionando uma visão sobre os horrores da guerra, as estratégias militares, os efeitos sociais e humanos, e muitas vezes os dilemas morais que surgem durante o conflito.

No contexto do Apartheid sul-africano (1990-1994), os fotógrafos captaram e transmitiram os embates étnicos que ocorriam nos distritos negros. Nesse contexto, os fotógrafos sul-africanos Greg Marinovich, Ken Oosterbroek, João Silva e Kevin Carter fizeram parte do grupo de profissionais conhecido como “Clube do Banguê-Banguê”. Esses fotógrafos se destacaram na

¹ Trabalho apresentado no *Grupo de Trabalho Narrativas jornalísticas contemporâneas*, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Recém-graduada no Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFSJ, email: annacarolinaggomes@gmail.com

³ Professora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFSJ, email: katialombardi@ufsj.edu.br

cobertura fotográfica da Guerra dos Albergues (1990-1994), enfrentando riscos extremos no exercício do fotojornalismo. Suas fotografias obtiveram alcance internacional e permitiram que cidadãos de diferentes regiões geográficas tivessem acesso ao cenário de guerra dos subúrbios sul-africanos.

Inicialmente, levantamos as seguintes questões: como a atuação dos fotógrafos durante a cobertura do fim do regime do Apartheid nos anos 1990 pode ser considerada uma ação contra-hegemônica ao se inserirem em um território de guerra, marcado pela violência e por riscos físicos? Em que momento essa cobertura pode ser vista como sensacionalista? Que tipo de narrativa contêm essas fotografias? Quais foram as técnicas fotográficas utilizadas pelos fotógrafos do “Clube do Banguê-Banguê” na cobertura desses eventos?

Partimos da hipótese de que o grupo de fotógrafos buscou formas de contornar as narrativas oficiais, frequentemente sustentadas pela mídia hegemônica internacional, ao capturar o cotidiano da violência urbana nas periferias da África do Sul durante a fase final do Apartheid. Esses fotógrafos se destacaram por registrar de maneira autêntica o cenário político e social do país no período de transição do regime, oferecendo uma visão mais crítica e fiel da realidade vivida pela população. Por outro lado, investigamos o apelo mercadológico na produção dessas imagens, trazendo à tona a discussão sobre o jornalismo sensacionalista. Ressaltamos a importância de analisar a produção e o sentido das imagens, refletindo sobre como elas podem impactar a percepção do público.

METODOLOGIA

O procedimento metodológico adotado nesta pesquisa partiu de uma pesquisa bibliográfica, que serviu para fundamentar a compreensão do fenômeno e do contexto histórico, de acordo com Antônio Carlos Gil (2002), que define a pesquisa científica como um processo investigativo sistematizado.

A partir da análise do *corpus* – o livro “O Clube do Banguê-Banguê: Instantâneos de uma guerra oculta” – foram definidos três eixos temáticos centrais para a pesquisa, em relação às ações dos fotógrafos e de seus limites éticos e políticos: (1) o Apartheid na África do Sul e a atuação do “Clube do Banguê-Banguê”; (2) o fotojornalismo como forma de resistência e contra-hegemonia; (3) a exposição de imagens de violência, com a análise crítica sobre o sensacionalismo nas

imagens de guerra. Além disso, selecionamos 31 fotografias presentes no livro para serem analisadas. Enfim, buscamos um percurso metodológico que perpassa os desafios éticos, políticos e técnicos enfrentados pelos fotojornalistas, além de destacar o impacto das imagens no movimento global contra o Apartheid.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a fundamentação teórica deste estudo, recorreremos a autores que abordam a relação entre política, fotografia e sociedade. Sob a perspectiva de contra-hegemonia, Antonio Gramsci (1891-1937) afirma que a hegemonia cultural é exercida por meio do consenso em torno dos valores dominantes. Nessa linha, Jacques Rancière, em *Partilha do Sensível* (2009), argumenta que a função política da comunidade está exposta na estética e é inerente à distribuição política na comunidade. No caso do “Clube do Banguê-Banguê”, as imagens atuam como um meio de contestação, visibilizando uma realidade diferente do discurso governamental, que propagava uma transição de Estado pacífica.

Em relação à capacidade de tornar eventos catastróficos noticiáveis, Susan Sontag (2003, p. 12) argumenta que “as fotos são meios de tornar ‘real’ (ou mais real) assuntos que as pessoas socialmente privilegiadas, ou completamente em segurança, talvez preferissem ignorar”.

A ideia de que o fotojornalismo deve ser compreendido como um ato intencional e politicamente influenciado é aprofundada por Raquel Gryshchenko (2016), que destaca como o ato de fotografar está sempre atribuído ao ponto de vista do fotógrafo. As imagens do “Clube do Banguê-Banguê” são um exemplo de como a fotografia pode ser uma forma de reivindicar narrativas dominantes, uma vez que não são registros neutros de acontecimentos, mas reflexões críticas sobre o regime do apartheid através da exposição imagética.

Em contrapartida à ideia de que a veiculação de imagens possibilita maior visibilidade, emerge o conceito de sensacionalismo. Conforme Pedroso (2001, p. 51), o sensacionalismo é um segmento específico da imprensa popular, que chama a atenção do público ao oferecer ou provocar sensações à mensagem veiculada. O sensacionalismo pode ser entendido como o uso de assuntos chocantes para gerar impacto e assim prender a atenção através do despertar de emoções. “Começar pela morte não seria naturalmente adequado. Porém, para o fotógrafo de guerra, a morte muitas vezes é o início” (Maciel & Boni, 2006, p. 3).

Susan Sontag (2003), reflete sobre a exposição da dor alheia em guerras, trazendo o entendimento que o fotógrafo é uma testemunha ocular da violência: “de fato, a própria noção de atrocidade, de crime de guerra, está associada à expectativa de alguma comprovação fotográfica”. (Sontag, 2003, p. 112) Contudo, a autora (2003) procura desviar das narrativas que imagens de corpos e cadáveres são materiais de veiculação.

Ao priorizar o impacto visual, o sensacionalismo contribui para a manutenção de um sistema que associa imagens à violência, enquanto silencia a responsabilidade dos verdadeiros culpados, como o Estado. Essa abordagem frequentemente expõe inocentes em sofrimento extremo, muitas vezes com o objetivo de chocar, em vez de responsabilizar aqueles que perpetuam a violência. Nesse contexto, percebe-se que, em meio à rápida despersonalização do sofrimento, reflete-se uma cultura que, embora consuma a dor alheia, logo a apaga, sem provocar mudanças duradouras na percepção social ou na ação diante da realidade apresentada.

Para compreender o método de atuação dos fotojornalistas do “Clube do Banguê-Banguê”, é essencial destacar o foco na proximidade com os cenários. Nesse sentido, as imagens foram analisadas à luz da famosa máxima do fotógrafo húngaro Robert Capa: “Se a foto não ficou suficientemente boa, é porque você não ficou perto o suficiente”, que exemplifica o estilo de captura utilizado pelos fotógrafos do Clube. A evolução digital possibilitou um desempenho ainda mais eficiente dos fotógrafos, levando em consideração fatores como enquadramento e proximidade com o acontecimento. O grupo de fotógrafos buscou documentar os conflitos de maneira direta, aproximando a câmera ao máximo do que presenciavam, o que pode ser observado nos ângulos, cenas e momentos registrados.

Esse método remete à ideia de "instante decisivo", proposta por Henri Cartier-Bresson, que descreve o momento em que o fotógrafo, por meio de sua percepção, captura a essência de uma cena. No caso da atuação do “Clube do Banguê-Banguê”, esses aspectos eram levados em consideração no processo de fotografar, estabelecendo conexão entre o fotógrafo ao evento ou momento vivido, em busca do instante decisivo.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Por meio do fotojornalismo, Marinovich, Silva, Oosterbroek e Carter tornaram visível uma guerra interna de um país que lutou contra um regime imperialista. Para isso, a ação adotada no

modo de fotografar dos integrantes do “Clube do Banguê-Banguê” considerou como foco a evidenciação dos fatos, sem interferir nos acontecimentos em si, mas na posição de observar e fazer outras pessoas observarem o que foi velado pelo regime do Apartheid.

Algumas particularidades foram identificadas a partir da análise do modo de atuação dos fotógrafos. A inserção em cenários de risco em prol da atividade fotojornalística foi documentada no livro “O Clube do Banguê-Banguê: Instantâneos de uma guerra oculta” (2003), o que nos permitiu compreender a rotina desses profissionais. De todo modo, estar presente na história da África do Sul parecia ser a prioridade dos quatro fotógrafos, muitas vezes ocupando o espaço de suas vidas pessoais e das suas seguranças físicas.

Influenciados por nomes como Robert Capa e Henri Cartier-Bresson, os integrantes do “Clube do Banguê-Banguê” adotaram a técnica de aproximação para garantir o impacto visual de suas fotos. A busca por imagens chocantes foi impulsionada pela necessidade de se destacar no fotojornalismo internacional, especialmente diante de agências de notícias.

Ademais, as imagens carregavam um forte viés político contra-hegemônico, com os fotógrafos se posicionando contra o regime do Apartheid e em apoio à transição para um governo mais inclusivo, representado pela CNA de Nelson Mandela.

Outra questão levantada pela pesquisa partiu da hipótese que as imagens do livro se vinculavam a uma perspectiva política contra-hegemônica. Nesse ponto, usando imagens e citações do livro, observamos claramente que os fotógrafos não concordavam com as ações impostas pelo regime. Eles também esclarecessem o vínculo entre os *Inkathas* e o Estado, reforçando um posicionamento em prol da CNA de Nelson Mandela.

Apesar disso, as imagens também levantam questões éticas, principalmente em relação ao sensacionalismo, ao expor cenas de extrema violência. Embora provoquem um impacto visual profundo e, muitas vezes, sejam chocantes, elas desempenham um papel significativo na compreensão geopolítica da época.

CONCLUSÃO

Enfim, consideramos que o trabalho dos quatro fotógrafos pode ser visto como parte do processo de materialização das tensões político-sociais da África do Sul, desafiando, ao mesmo

tempo, a ideia de uma fotografia neutra. É fundamental reconhecer a importância histórica, documental e social dessas imagens, que, além de serem um poderoso instrumento de recordação histórica, carregam também o peso da subjetividade e das escolhas feitas no momento do registro.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. A fotografia de guerra e o episódio de Canudos ou a documentação como alvo. **Cadernos de fotografia brasileira: Canudos**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 238-269, dez. 2002.

Cól, A. F. S., & Boni, P. C. (2005). A insustentável leveza do clique fotográfico. **Discursos Fotográficos**, (1), 23–56. <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2005v1n1p23>

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Raquel. **Imagens de transformação: o fotojornalismo do Clube do Bang Bang e os últimos dias do regime de Apartheid, 1990-1994**. *ODEERE*, v. 1, 1970. DOI: 10.22481/odeere.v 0i1.1537. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/1537>. Acesso em: 04 fev. 2025.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Campus. 1978.

MARINOVICH, Greg & SILVA, João. **O Clube do Banguê-Banguê**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.